

## HORAPOLLO

Francisco de Assis Florencio (UERJ)  
[ff017066@gmail.com](mailto:ff017066@gmail.com)

### RESUMO

Objetivamos, com este trabalho, apresentar, traduzir e comentar alguns hieróglifos da obra *Horapollo*. Ela está entre os mais celebrados exemplos da literatura simbólica do século XVI. Descobertos em 1417, os *Horapollonis Hieroglyphica* foram publicados, em grego, por Aldus em 1505 e vertidos para o latim, em 1517, por Filippo Fasani, professor de Andrea Alciato. O título da obra, *Horapollo*, vem de seu autor, que parece ter sido um escriba de origem egípcia. Embora a grande maioria dos hieróglifos presentes nesta obra não esteja de acordo com os estudos linguísticos realizados nos séculos posteriores ao XVI e com os atuais, alguns poucos, como veremos, vão ao encontro dos reais significados da língua dos faraós.

**Palavras-chave:** Horapollo. Hieróglifos. Latim. Renascimento.

### 1. Introdução

Os hieróglifos egípcios despertaram um enorme fascínio nos humanistas. O projeto de recriar a língua dos Faraós era uma obsessão que os estudiosos renascentistas se recusavam a abandonar. Sabemos hoje que os hieróglifos são, em parte, ícones que parecem, no todo ou em parte, aquilo que eles representam, a saber, ideogramas, pois representam a ideia do objeto; os hieróglifos restantes são simples fonogramas, ou seja, letras ou sílabas. Esta distinção ainda não era conhecida pelos estudiosos renascentistas, uma vez que até então a Pedra de Rosetta ainda não havia sido descoberta (séc. XVII) e o grande estudioso e decifrador da escrita egípcia, Champolion, realizou os seus estudos no século XIX.

Acreditava-se, porém, no Renascimento, que a filosofia de Pitágoras, Platão e Aristóteles fora inspirada pelos egípcios e que os hieróglifos eram o arquétipo dos símbolos platônicos e também a representação física do mundo divino das ideias (*logoi*). Isto está de acordo com a ideia dos próprios egípcios de que o nome de um objeto continha toda a sua realidade e, por extensão, que o conhecimento do nome do objeto dá poder sobre esse objeto.

Levando adiante o pensamento de que a forma dos hieróglifos estava de alguma maneira relacionada com as ideias que eles representavam, os humanistas encontraram apoio na mais renomada coleção renas-

centista sobre os hieróglifos: os dois livros de Horapollo. Escrita provavelmente no século V a. C. por um escriba de origem egípcia, esta obra foi vertida do egípcio para o grego por um certo Philipus, cuja origem, a não ser pelo nome, nada se sabe e que, provavelmente, viveu um ou dois séculos depois de Horapollo, tendo sido também o responsável pela inserção de símbolos e hieróglifos no segundo livro. Ela tornou-se tão popular que pelo menos trinta edições e traduções foram impressas durante o século XVI. Traduzida para o latim neste mesmo século, o conteúdo desta obra consiste numa exegese do significado de inúmeros hieróglifos, embora a maioria das comparações sejam consideradas fictícias, com algumas poucas exceções. Parece que pelo tempo de Horapollo, graças à influência greco-latina, tal era o declínio da civilização egípcia que ninguém seria capaz de ler com precisão os hieróglifos.

O real interesse dos humanistas por este tipo de material era o desejo de fazer uso dele a fim de buscar respostas para o porquê da vida e para a natureza de Deus. Este interesse veio a dar origem aos emblemas, que não fizeram uso apenas dos temas do Horapollo, mas também empregaram o modo simbólico para tentar expressar os mistérios da teologia e da metafísica.

Na análise dos textos, verificaremos que muitas construções e, principalmente verbos, repetem-se bastante. O título se inicia quase sempre com o advérbio interrogativo *quomodo*, correspondente ao grego πῶς “como”, “de que modo”. O verbo *pingere*, graças à natureza pictórica da obra, é o que mais aparece. A influência grega se mostra presente também no início da maioria dos textos mediante o emprego do particípio presente, que ora pode ser traduzido como uma oração reduzida ora como uma oração desenvolvida.

### 1.1. Texto

#### VULPANSER



#### Quomodo filium pingunt

Filium volentes significare, vulpanserem pingunt. Hoc enim animal maxime amans est liberorum. Si quando enim ipsum venator simul cum parvulis persequatur, eo usque ut capiatur, et pater et mater ultro se venatoribus dedunt, ut serventur parvuli. Quam ob causam aegyptiis placuit in huius rei significationem hoc assumere animal.

### 1.1.1. Tradução

#### Como representam um filho

Quando querem representar um filho, desenham um ganso. Por que este animal ama muito a sua cria. Se de fato um caçador o persegue juntamente com seus filhotinhos, de modo a ser capturado com eles, tanto o pai quanto a mãe, afastando-se, deixam-se capturar pelos caçadores, para que seus filhotinhos fiquem a salvo. Por causa disso agradeu aos egípcios que este animal assumisse a significação desta coisa.

### 1.1.2. Comentários

Como dissemos na introdução, o particípio presente (*volentes*), por influência do texto grego, está quase sempre presente na oração subordinada e pode ser traduzido por uma oração temporal, como acontece aqui, ou por uma oração final. Na oração principal, encontramos sempre o verbo *pingere*. A sua presença se deve ao caráter pictórico dos hieróglifos. A figura aqui presente é um dos poucos exemplos desta obra que vai ao encontro do significado real do hieróglifo, ou seja, estão de acordo com os dicionários de hieróglifos atuais, como ocorre aqui com “ganso”. Quanto à etimologia, o nome desta ave é formado a partir de *vulpes*, “raposa” e *anser*, “ganso”. Na verdade, esta ave não é propriamente um ganso, mas um tipo de pato que vivia às margens do rio Nilo.

Nessa obra, a explicação para o significado de cada hieróglifo é dada por meio da analogia, ou seja, a explicação para o hieróglifo se deve às características por ele apresentadas. Assim, “ganso” representa um “filho” porque este tipo de ave cuida de suas crias com muito zelo. Gramaticalmente falando, a explicação é sempre precedida por uma partícula de cunho explicativo, como acontece aqui com a partícula *enim*.

Após a explicação, o texto continua com uma narrativa que vem a servir de argumento para o que foi explicado. No caso do ganso, a maneira como o macho e a fêmea se comportam diante do perigo: afastam-se e se deixam capturar para que seus filhotes fiquem a salvo.

Por fim, segundo o autor, este fato serve de justificativa para o fato de os egípcios terem escolhido a figura deste animal para representar um filho.

## 1.2. Texto

### VULTUR



#### Quid Vulturem pingentes significant?

Matrem vero scribentes, aut visum, aut terminum, aut futurorum cognitionem, aut annum, aut coelum, aut misericordem, aut Minervam aut Junonem, aut drachmas duas, vulturem pingunt. Matrem quidem quoniam mas in hoc genere animalium non sit ; procreatio autem eorum fit modo hocce : quando subaverit ad conceptum vultur, vulvam suam aperiens ad Boream ventum, ab hoc initur per dies quinque, quibus neque cibum neque potum capit, desiderans foetus procreationem; sunt vero etiam alia genera avium, quae ex vento concipiunt, quarum ova ad edendum tantummodo, non etiara ad foetus procreationem sunt utilis, vulturum vero, qui cum vento coeunt, ovorum generatio viva animalia producit. Visum vero, quoniam reliquorum animalium omnium acutissime videat vultur, oriente sole ad occasum spectans, occidente vero Deo, ad ortum, ex satis magna distantia comparans sibi ad usum suum edulia; (...)

#### 1.2.1. Tradução

##### O que eles indicam ao descrever um abutre?

Para indicar uma mãe, visão, limite, conhecimento do futuro, ano, céu, misericórdia ou Minerva, Juno ou duas dracmas, eles desenham um abutre. Com certeza (designa) a mãe, porque, entre esta espécie de animal, não existe macho. São gerados, porém, deste modo: quando o abutre arde de desejo de amor, abrindo a intacta vulva para o Vento do Norte, e assim é apertado por ele durante cinco dias, durante os quais não come, nem bebe nada, mantendo-se firme para procriar o feto. Há, porém, outras espécies de abutres que concebem do vento, mas seus ovos servem apenas de alimento; o mesmo não acontece com aqueles que são arrumados para sustentar e formar o feto.

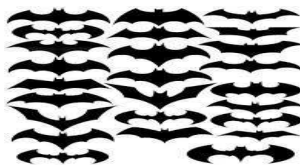
#### 1.2.2. Comentários

O texto se inicia, como de costume, com o particípio presente com valor de oração final. Vale ressaltar a palavra *vultur*, que, na sua evolução para o português, sofreu o acréscimo proclítico de –a e a passagem do v para b. Em inglês, a palavra permaneceu praticamente igual ao latim, *vulture*; já, em português. Após descrever várias coisas que a pintura de um abutre pode representar, o autor se concentra na figura materna. Aqui também, como no exemplo anterior, o hieróglifo em questão vai ao

encontro da sua real representação. A explicação para a origem dos abutres está de acordo com a crença egípcia e de outros povos, segundo a qual, entre esses animais só existiam indivíduos do sexo feminino. Como só existissem fêmeas, fazia-se necessário uma explicação para o modo de como esses animais nasciam. Segundo os egípcios, o abutre fêmea, quando estava no cio, abria-se para o vento e deixava-se fecundar por este.

### 1.3. Texto

#### VESPERTILION



#### **Quomodo lactantem mulierem et optime nutrientem significant**

Mulierem lactantem ac bene nutrientem ubi pictura exprimere volebant, vespertilionem rursus pingebant. Sola enim inter omnes volucres, haec dentes ac mammas habet.

#### 1.3.1. Tradução

##### **Como representam uma mulher lactante e que alimenta bem**

Quando queriam expressar, com uma imagem, uma mulher lactante e que nutre bem, pintavam mais uma vez um morcego. Porque só ele, entre todas as aves, tem dentes e mamas.

#### 1.3.2. Comentários

A palavra lactante deriva, como se sabe, de *lac*, *lactis*. Não se deve confundir, porém, lactante com lactente. A primeira se refere àquela que produz ou dá leite; já a segunda, ao que se alimenta de leite. O emprego de *rursus* se deve ao fato deste animal já ter sido citado em outro hieróglifo. O vocábulo *verpertilio*, *onis* passou apenas, *mutatis mutandis*, para o esperanto: *vesperton*. A sua etimologia está ligada ao seu hábito de sair à caça ao entardecer, daí *vesper*. Quanto à crença de que o morcego seria um ave, por voar, e não um mamífero remonta à passagem

bíblica de Levítico 11:13 “Haec sunt quae de avibus comedere non debentis, et vitanda sunt vobis: ... et charadriion iuxta genus suum, upupam quoque, et vespertilionem”.

#### 1.4. Texto

##### AQUILA



##### **Quomodo hominem qui tuto urbem incolat significant**

Vt hominem significant, qui tuto urbem habitat, aquilam pingunt, quae lapidem gestet; enim haec e mari vel terra sublatum lapidem in suum infert nidum, quo tutior sit ac firmior.

#### 1.4.1. Tradução

##### **Como representam um homem que habita uma cidade segura**

Para representar um homem que habita uma cidade segura, desenham uma águia, que carrega uma pedra; pois ela leva uma pedra, tirada do mar ou da terra, para o seu ninho, a fim de que ele se torne mais seguro e mais firme.

#### 1.4.2. Comentários

O hieróglifo se inicia com a conjunção final *vt* que rege o verbo *significant*. A comparação se faz entre um homem que habita em um lugar protegido de inimigos e intempéries da natureza com o ninho de uma águia. Aqui há duas coisas a destacar: a segurança do homem nos traz à lembrança a passagem de Mateus 7:24 em que Jesus fala do homem que constrói a sua casa na rocha, ou seja, um lugar seguro, resistente a qualquer tipo de fenômeno natural; a segunda é o fato de as águias transportarem pedras para seus ninhos a fim de deixá-los mais seguros. Esta afirmação, pelo menos segundo a nossa pesquisa, não nos parece uma certeza científica, pois o mais comum é que elas, para fortalecê-los, dos ventos e das tempestades, constroem-nos dentro das fendas das rochas e fortalece-os com grandes galhos. Ela servia principalmente para representar *Hórus*, deus egípcio do céu.

## 1.5. Texto

### CICONIA



#### Quomodo patris amantem pingunt

Patris studiosum hominem innuentes, ciconiam pingunt, enim haec a parentibus enutrita, nunquam ab ipsis sejungitur (se jungitur), sed ad extremum usque senium una permanet, pietatem ipsis observantiamque rependens.

#### 1.5.1. Tradução

Para indicar um homem dedicado ao pai, pintam uma cegonha. Isso ocorre porque ela é alimentada pelos pais, nunca se separa deles, mas permanece ao lado dos mais velhos (dos pais) até o fim de seus dias, retribuindo o cuidado e a atenção deles.

#### 1.5.2. Comentários

Nas culturas gregas e chinesas, a ideia de que as cegonhas eram atenciosas com os seus progenitores era tão forte que na Grécia havia uma lei denominada *Pelargonia* (de *perlagos*, *ciconia*), que punia a todo aquele que não cuidasse dos pais idosos. Já na cultura egípcia o seu hieróglifo representava *BA* ou *alma*. Já a lenda de que elas eram responsáveis pela entrega dos recém-nascidos, embora já fizesse parte do folclore europeu, só foi popularizada pelo conto “As cegonhas”, de Hans Christian Andersen. Fica claro, então, o porquê do escriba egípcio ter feito esta comparação.

## 1.6. Texto

### APIS




#### Quomodo populum obedientem regi significant

Populum regi obedientem significantes, apem pingunt; etenim solum reliquorum animalium regem habet, cui reliqua apium obsequatur multitudo, veluti et homines obediunt regi.

### 1.6.1. Tradução

Para representar um povo obediente a um rei, pintam uma abelha; pois só ela, dentre todos os animais, tem um rei, a quem uma multidão restante das abelhas obedece, da mesma forma que os homens obedecem a um rei.

### 1.6.2. Comentários

Símbolo do perfeito trabalho grupal, as abelhas em todas as culturas sempre foram apreciadas pela produção de mel e admiradas pela realização do trabalho em grupo. No Egito, o seu nome estava ligado a *Nesut-bití*, que significava *Trono* ou *Nome do Rei do Alto e do Baixo Egito* e era um dos vários nomes pelo qual o faraó era conhecido, sendo adotado por este quando subia ao trono. A palavra *nesut-bití* (representada pelo junco e pela abelha, ) significa *o senhor das duas terras*, com a abelha fazendo referência ao Baixo Egito e o junco ao Alto Egito. Podemos, assim, como fez Horapollo, dizer que o papel desempenhado pela abelha-rainha equivale ao que era desempenhado pelo faraó, já que só pode existir uma, pois, caso existam duas, elas lutarão até que uma morra e a outra se torne soberana; até quanto ao alimento ela é especial, pois é alimentada durante toda a vida de geleia real pelas abelhas operárias.

## 2. Conclusão

Chegamos ao término de nosso artigo muito felizes pelo fato de trazermos um pouco de luz àqueles que ainda não tinham tomado conhecimento desta obra renascentista. Percebemos também quão útil é e será o emprego destes textos, graças ao seu parvo grau de dificuldade, no ensino da língua latina para aqueles que estão dando os primeiros passos no aprendizado da Última Flor do Lácio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*BIBLIA Sacra*. Disponível em: <[www.thelatinlibrary.com](http://www.thelatinlibrary.com)>.

IVERSEN, Erick. *The Myth of Egypt and its Hieroglyphs in European Tradition*. Princeton: Princeton, 1993.

*HORAPOLLINIS Niloti Hieroglyphica*. Disponível em: <<https://books.google.com.br>>.



HORAPOLLO. *Hieroglyphica 5th century AD (The Hieroglyphis of Horapollo)*. Transcrição e edição de George Boas. Princeton: Princeton UP, 1993.

RAYBOULD, Robin. *An introduction to the symbolic literature of renaissance*. Trafford Publishing, Oxford, United Kingdom, 2006.

SMITH, William; LOCKWOOD, John. *Chambers Murray Latin-English Dictionary*. Great Britain: Cambridge University Press, 1997.